

ACADEMIC

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE CERRADO

Nº 3 • MARÇO 2018



FACULDADE
CERRADO

— FACE - DF —



**FACULDADE
CERRADO**

DEMERVAL GUILARDUCCI BRUZZI

Graduado em:

- **Ciências Econômicas**
- **Psicologia**

Especialista em:

- **Gestão Empresarial**
- **Psicanálise**
- **Avaliação Psicológica**
- **Neuropsicologia**

**Mestre em Gestão e Produção
em e-learning**

Doutor em Educação

FINLÂNDIA

UM SONHO DISTANTE PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA



Demerval Bruzzi
Doutor em Educação, graduando em Psicologia. Ex-diretor do Ministério da Educação

Ultimamente, muito se fala da Finlândia e de seu maravilhoso sistema educacional. Mas o que poucos sabem é o principal motivo de tamanha transformação. Enquanto, no Brasil, ainda vivemos à sombra de uma educação de base freiriana, condenando o modelo que, segundo seus seguidores, atende somente à formação de empregos para uma elite neoliberal, a Finlândia caminha para o lado oposto.

Deixando no passado uma economia rural, a Finlândia em pouco tempo se tornou um dos países mais industrializados e inovadores de nossa aldeia global. A base de seu sucesso está em uma educação de alta qualidade, que vai desde a Educação Básica até a Superior, com valorização dos professores e uma aposta em escolas vocacionais criadas

para atender a uma nova demanda, ou seja, o novo modelo de trabalho que a cada dia tem se apresentado de forma mais contundente, com empregos tradicionais desaparecendo e novos sendo criados dentro de uma nova visão: a digital.

Ao contrário do Brasil, a Finlândia atualmente está atenta aos movimentos globais, ao surgimento da tecnologia com forte direcionamento de recursos públicos para pesquisas e inovação nas universidades.

Outro ponto que nos chama a atenção é a abertura para a participação privada nos investimentos em educação e pesquisa. No atual modelo público educacional, o investimento das empresas privadas na pesquisa e inovação é muito bem-vindo.

Ao contrário da Finlândia, vivemos no Brasil o caos educacional, com oferta medíocre de Educação Básica, uma Educação Superior sucateada e fundamentada em um pensamento ultrapassado e totalmente desconectado da realidade mundial – isso sem contar com o descaso com investimentos em pesquisa nas IES federais.

O assunto me levou ainda a buscar informações sobre como andam os investimentos de pesquisa no Brasil. Segundo o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), nos últimos dados coletados, em 2010, tivemos os seguintes investimentos em nosso País:

- Norte: 11,5 milhões
- Nordeste: 149 milhões
- Centro-Oeste: 12,7 milhões
- Sul: 230 milhões
- Sudeste: 4,1 bilhões

Notem que só o estado de São Paulo é responsável, proporcionalmente, por 84% do total de investimentos do Brasil, sendo:

- USP: 2,2 bilhões
- Unicamp: 1 bilhão
- Unesp: 655 milhões
- Famerp: 7,7 milhões

Segundo o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE-MCTIC), para uma população de 190.755.799 de brasileiros até 2010 (utilizei o mesmo ano de referência para comparar com os investimentos em pesquisas), tínhamos 566.027 pessoas com título de mestrado e 218.721 com título de doutorado, ou seja, 0,12% da população é doutora em algum assunto e 0,32% é mestre. Ao mesmo tempo em que temos 5,74% de analfabetos, 44,50% com Fundamental incompleto, 18,32% com Fundamental, 23,54% com Ensino Médio e 7,46% com Ensino Superior. Seria essa a causa da falta de produção científica no Brasil?

Até quando viveremos a utopia esquerda marxista em nossas salas de aula? Até quando cultivaremos em nossas universidades federais a ideia socialista de educar? Ou, ainda, até quando permitiremos que uma direita egocêntrica e narcísica perpetue uma educação elitista, longe da realidade do Brasil e comandada de luxuosos gabinetes, quando, na verdade, precisamos de uma educação apolítica?

De acordo com reportagem exibida na rádio CBN, em 2013, o número de professores tem caído drasticamente. Existia na época um déficit de 250 mil docentes. Aqueles que ainda se dedicavam a essa função advinham das escolas com o pior Ideb, e 30% deles tinham o pior desempenho no exame. Na época, o então ministro da Educação, Fernando Haddad, afirmou que parte dessa defasagem era derivada dos baixos salários, uma vez que um professor em 2013 ganhava aproximadamente 60% menos do que qualquer outro profissional de nível superior, tornando assim a sala de aula cada vez menos atrativa.

Vejo hoje uma série de movimentos tentando replicar em solo tupiniquim o modelo educacional da Finlândia, como se fosse simples, de uma hora para outra, reverter todo um pensamento que, além de obsoleto, é desconectado da realidade. A jornalista Ana Carolina Nunes, em uma de suas reportagens, entrevistou o ministro da Economia da Finlândia, Mika Lintilä, que, ao ser questionado sobre o modelo de Educação Superior, respondeu: "O sistema de educação e pesquisa da Finlândia tem possibilitado o desenvolvimento ininterrupto da sociedade e a renovação flexível da economia. Com uma economia aberta e a população altamente formada, a Finlândia tem conseguido aproveitar as forças de transformação global da sua melhor forma". Precisa dizer mais? ■